

YVONNE A. PEREIRA

---

SUBLIMAÇÃO

*Pelos Espíritos*

LÉON TOLSTOI E CHARLES



# SUMÁRIO

---

Prefácio	7
Apresentação	9
1 Obsessão	11
2 Amor imortal	29
3 Destinos sublimes	67
4 Karla Alexeievna	97
5 Evolução	129
6 Nina	147
Conclusão	225
Referências	235



## PREFÁCIO

Este livro não é, propriamente, novo. Parte dele, ou seja, os contos de autoria do Espírito Léon Tolstoi, têm precisamente dez anos. Os dois últimos capítulos, assinados pela entidade Charles, têm, aproximadamente, trinta anos. Se me perguntarem por que ficaram tanto tempo assim guardados, eu não saberei responder. É de crer, porém, que a benevolência de seus autores espirituais aproveitassem minhas forças para obras mais difíceis e deixassem estas, mais leves, já esboçadas, para a parte final da minha jornada psicográfica literária. De qualquer forma, aí está *SUBLIMAÇÃO*. Sinto-me feliz em entregá-lo ao leitor, pois as emoções grandiosas que me proporcionaram as visões que me foi dado contemplar durante a sua recepção, e a convivência diária com as duas amadas entidades que a ditaram são o que de mais grato eu poderia sentir e conhecer no desempenho da tarefa mediúnica.

Que o leitor o aceite, como produto amoroso de dois grandes trabalhadores da seara espírita: Léon Tolstoi e Charles.

YVONNE A. PEREIRA

Rio de Janeiro (RJ), 18 de maio de 1973.



## APRESENTAÇÃO

Há muitos anos, antes de abandonar à Terra os meus despojos carnis, prometi a Deus e a mim próprio escrever alguma coisa que combatesse o suicídio. Não me foi, no entanto, possível o cumprimento da promessa, até agora, visto que me escapavam argumentos e possibilidades com que demonstrasse a lógica do mal que ele, o suicídio, representa para a humanidade. Muitas vezes afligi-me com a notícia de que uma e outra, e outras mulheres, arrebatadas pela paixão do amor humano, haviam imitado o gesto de certa heroína famosa de um dos meus romances,<sup>1</sup> dando-se à tragédia de um suicídio, nela inspiradas. Em mais de um livro que escrevi, então, pintei o suicídio de seus heróis, deixando, porém, de apresentar o conceito moral, a consequência aterradora de tal gesto na vida do Além, para aquele que o pratica na Terra. Se os infratores se inspiravam nas estórias por mim contadas, sempre muito lidas e acatadas, sentia-me culpado, causador daquela desgraça, e cheguei mesmo a lamentar a inspiração que me levou a encerrar dramas íntimos e sociais com suicídios tão impressionantes como os que criei para as minhas personagens. Penitencio-me da falta ante Deus e os leitores, declarando que tudo venho tentando a fim de repará-la.

Depois de longo tempo de uma expectativa paciente, consegui meios de iniciar a tentativa para o cumprimento da promessa feita, pelo menos no que tange à literatura. Se minha mente, engendrando suicídios literários que modelaram outros suicídios, envolveu-me nessa faixa atormentada, hoje, superando o desequilíbrio daí provindo, tentarei

<sup>1</sup> N.E.: Anna Karenina.



Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi e Charles

reconfortar corações frágeis, vacilantes nas horas difíceis das provações,  
assim afastando-os do pavoroso abismo.

Que Deus abençoe as almas boas que me ajudam a retirar da consci-  
ência o peso de um remorso que comprometeu a minha paz.

LÉON TOLSTOI

Rio de Janeiro (RJ), 13 de junho de 1973.





# 1

---

## OBSESSÃO

LÉON TOLSTOI

*[...] A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. [...] Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. [...] <sup>2</sup>*

Katia Andreevna tomou o papel das mãos da servente, que lho fornecera por bondade, às ocultas da direção da casa. Agradeceu docemente, com um “Deus lhe recompense, mãezinha!”, proferido num murmúrio, e pôs-se a escrever uma carta para sua amiga Aglaida Petrovna, esposa de um entendido em coisas relativas a Espíritos e ao outro mundo, isto é, ao mundo das almas.

---

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Parte Segunda, cap. III, q. 155.







Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói e Charles

A história passou-se numa herdade dos arredores de Smolensky, não longe de Moscou, creio que pelo ano de 1907, mas a carta foi escrita do quarto particular n° 6 de um hospital de alienados de Moscou.

Eis a carta:

“Minha querida amiga Aglaida Petrovna:

Parece incrível que, depois de tantos dissabores suportados, de confusões e expectativa, meus verdugos (a minha família, se preferes) viessem a me enclausurar num quarto, o mesmo de onde escrevo, com uma única janela e esta mesma gradeada com varais de ferro batido, como janela de presídios. O ar aqui é úmido, pesado, cheirando a barro mofado, como todo local não visitado pelo ar puro do campo ou saneado pelos raios protetores do sol. Tiritado de frio neste cubículo escuro e opressivo, meus dentes se entrecrocavam, não sei se de frio ou nervosismo, por me sentir tão só; meus dedos, endurecidos, mal têm agilidade para movimentar a pena e escrever, e daqui nem vejo o horizonte azul, senão estreita nesga pardacenta da atmosfera, onde não transita a viração perfumada de nenhum prado florido nem os bandos festivos das andorinhas bulhentas, se bem que a primavera já caminha pela metade do seu giro. E nem mesmo me consolam a solidão das horas, o rumor dos camponeses no labor das *deciatines*<sup>3</sup> cultivadas, sequer o balir das ovelhas ou o mugir do gado, e tampouco o ladrar dos cães vigias, o grasnar dos gansos bravos e o riso saudável da criançada de nossa aldeia, durante as correrias folgazãs.

Tudo isso, Aglaida Petrovna, minha amiga, foi agora substituído pelo grito alucinado dos meus companheiros de infortúnio, pelo gargarhar dos histéricos aglomerados no pátio de recreio, pelas blasfêmias dos furiosos que enlouqueceram mesmo, com efeito, depois de tantos sofrimentos incompreendidos, de tanta violência e incongruência dos tratamentos aplicados a título de recuperação, e quando já não mais puderam

<sup>3</sup> N.E.: Medida agrária russa, correspondendo a 5,121 ou 6,821 metros quadrados, de acordo com as localidades.



resistir ao desgosto de se verem assim relegados do próprio lar, feridos pela saudade daqueles a quem mais amavam e que tão ingratos foram ao atirá-los a este local sinistro, em que se reconheceram sepultados vivos antes de enlouquecerem... porque, minha amiga, aqui dentro foi que eles realmente enlouqueceram: ao aqui aportarem eram apenas atacados por causas incomuns, que os senhores doutores psiquiatras ainda não conseguiram compreender, para debelar...

Não sei, Aglaida Petrovna, minha amiga, se algum dia tentaste compreender o que seja, na realidade, um hospício de alienados. Mas, estou autorizada a revelar-te que um hospício é a extensão de um inferno mitológico, que nem mesmo a imaginação ardente dos nossos prestimosos *popes*<sup>4</sup> chega a idear. É, decerto, a filial, senão a casa-máter, daquele inferno que os réprobos do outro mundo andaram criando com a fantasmagoria dos próprios pensamentos prostituídos pelos sete pecados mortais, praticados durante a vida. O que sei é que deixei de transitar por estes corredores imensos, pelas galerias e os pátios para não mais cruzar caminhos com esses fantasmas alados que, junto de nós, os considerados doentes mentais, transitam por todos os cantos deste hospício: uns, em gritos alarmantes, como de réprobos, fazendo com que também gritemos, pelo terror que suas ameaças odiosas nos comunicam; outros, desesperados e enraivecidos, vingadores diante das visões das maldades que sofreram no passado, induzindo-nos também a fúrias insopitáveis, pelas revoltas que suas proezas nos despertam, e ainda outros, tão sofreadores, feios e repulsivos, com seus olhares afogueados, suas vestes negras e rotas, seus mantos longos quais sudários assombradores, que a loucura chega também a nós e nos pomos a gargalhar de horror e de terror, sem atinarmos por que nos rimos, quando tanto sofremos, sem podermos parar de rir, quando nosso desejo seria antes chorar, tal como se nossos nervos, nossa mente, nossas forças vibratórias psíquicas todas se contaminassem de um vírus desconhecido da humanidade, vírus psíquico que, sem afetar nosso sistema orgânico animal, arruína, não obstante, todo o nosso sistema de vibrações nervosas

<sup>4</sup> N.E.: Sacerdote da religião cristã ortodoxa russa.



e irradiações cerebrais, reduzindo-nos à anormalidade a que, por vezes, nos sentimos constrangidos. Às vezes, minha querida Aglaida Petrovna, ponho-me a indagar de mim mesma, durante as singulares conversações que, ultimamente, venho mantendo com individualidades aladas,<sup>5</sup> desconhecidas, que me visitam, infundindo-me coragem e esperanças em dias melhores, indago quem serão os verdadeiros loucos: nós, que aqui estamos aprisionados, ou aqueles que levantaram este edifício tenebroso, sem solicitar a intervenção celeste para nos curar, visto que eles mesmos se confessam incapazes de o fazer?

Não sou louca, estou bem certa disso. Os loucos não pensam, e eu penso e reflito profundamente. Não recordam, ao passo que eu recordo até os brinquedos da minha infância, até mesmo as ingratidões com que os falsos amigos me retribuíram o bem que lhes fiz. Os loucos também não amam, enquanto eu sinto o coração estuante de santas emoções e saudades muito doloridas, à invocação do meu Theodor Theodorovitch. Em mim, o que se processa, segundo afirmam as individualidades aladas que, ultimamente, bondosamente me visitam, é um acontecimento estranho e belo, apesar de também dramático, o qual julgo desconhecido da maioria dos homens, pois jamais ouvi falar dele antes. Vejo aqueles que já morreram, Aglaida Petrovna, minha amiga! Sim, vejo-os, falo-lhes, rio-me com alguns, convivo com muitos, nossa conversação é normal, embora não agradável, conforme o caráter do interlocutor, mas ninguém acredita que eu o possa, realmente, fazer e declaram-me louca. Internaram-me nesta cela justamente por esse motivo, não obstante eu saber que não sou, absolutamente, louca, como me supõem. Mas prevejo que enlouquecerei de indignação, de desconforto e assombramento se aqui me retiverem sem providenciarem meios legítimos para a minha cura. Porque, Aglaida Petrovna, minha amiga, essas drogas que me dão a ingerir, essas pílulas, esses pós, essas tisanas e esses choques somente conseguem deprimir ainda mais o meu organismo e excitar minhas íntimas revoltas, aprofundando a preocupação que o sucedido a Theodor Theodorovitch

<sup>5</sup> N.E.: Guias espirituais.





## Sublimação

---

me vem causando, acontecimento que não compreendo, que me alarma, me confunde até o excesso da perplexidade. Eu quisera antes a prece compreensiva do amor, o consolo santo de uma invocação ao Criador em prol do que sucede a mim e a Theodor, pois reflito que, se tantos luminares da Ciência me não podem curar do que sinto será porque não sou doente, apenas me debato entre forças desconhecidas dos homens, conforme fui informada pelos meus bondosos visitantes alados, forças que somente Deus estará à altura de dominar para solucionar.

Não sei se sabes como e por que vim parar aqui. Tudo aconteceu alguns dias depois do desastre ocorrido com o meu Theodor Theodorovitch.

Abalada pelo fato de sua inesperada suposta morte, durante uma caçada ao urso, como sabes, quando fora ferido no peito por um tiro de carabina, passei aqueles primeiros dias em crises de desespero que me desorganizaram, completamente, o sistema de vibrações nervosas, como dizem os meus médicos daqui. Não dormia, não comia, e esquecia as orações a Deus para as tentativas da conformidade com a situação. No fim de trinta dias, mais ou menos, já exausta de sofrer, consegui adormecer pela noite adentro. Mas, passado algum tempo, talvez meia hora, talvez uma, não sei bem, despertei em sobressalto, ouvindo os gritos de Theodor Theodorovitch, chamando-me:

— Katia Andreevna, Katienka, minha querida, socorre-me! Eles sepultaram-me vivo, supondo-me morto, quando estava apenas desmaiado! Salva-me, Katienka, a mim, teu prometido esposo, teu paizinho tão querido! Estou debaixo da terra, Katienka, preso numa cova do cemitério, sem poder sair!...

Levantei-me do leito em pânico, mas também louca de alegria, compreendendo que meu noivo tão amado estava vivo. E, sob o impulso desse alarma, precipitei-me para fora do quarto, vesti-me às pressas, para não perder tempo, mas respondendo a Theodor, que continuava bradando por mim:





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói e Charles

— Theodor Theodorovitch, já irei salvar-te, meu amor querido, meu esposo, meu paizinho! Sim, vejo-te, reconheço-te, sei que estás vivo, ouço o que me dizes, não morreste, não, e irei libertar-te da tua cova...

E chamava a *mamienka*, o *batiuchka*,<sup>6</sup> para que me trouxessem uma picareta, uma enxada e uma pá e me acompanhassem ao cemitério, porque Theodor estava vivo, chamava-me e eu devia socorrê-lo antes que a asfixia o envolvesse todo, causando-lhe a morte.

Com os meus gritos, despertaram todos os de casa e estabeleceu-se indescritível conflito. Seguraram-me, detiveram-me a força, não me permitindo vestir-me decentemente, calçar as botas para tocar para o cemitério, pois era madrugada e as últimas neves do ano caíam, branquejando as ruas da aldeia.

Debati-me furiosamente, repelindo a opressão daqueles que não passavam de desalmados assassinos, que sepultaram vivo o meu Theodor e agora me impediam de correr a libertá-lo. Mas todos conjugaram forças contra mim, não me acreditaram ou fingiam não acreditar, quando eu lhes pedia que silenciassem um ‘poucoquinho’ para também ouvirem os gritos de Theodor pedindo socorro. A *mamacha*<sup>7</sup> chorava, ajoelhada diante do seu “ícone”,<sup>8</sup> repetindo em curvaturas fervorosas:

*Senhor, meu Jesus Cristo, filho de Deus, redentor nosso, salvai a minha filhinha querida da loucura, a pobrezinha sofre pela morte inesperada do noivo do seu coração, a quem tanto queria. Salvai-a, salvai-a, Senhor! E prometo dar-vos duas velas de cera, de um metro cada uma, sendo uma por ela, e outra por mim mesma!*<sup>9</sup>

<sup>6</sup> N.E.: *Mamienka*: mãezinha. Termo afetuososo, com o qual se tratava a esposa do *pope*, mas também usado entre o povo. *Batiuchka*: paizinho. Termo com que se tratava o *pope*, mas também comumente usado. Quando se trata do próprio pai, o verdadeiro diminutivo é *Papotchka*. Era ainda usado o termo *matushka*, que igualmente traduz mãezinha.

<sup>7</sup> N.E.: Mamãe.

<sup>8</sup> N.E.: Imagem de santo, pintada, que se conserva, de preferência, em um nicho.

<sup>9</sup> N.E.: Antiga superstição do misticismo ortodoxo, que o raciocínio repele como inútil para o culto a Deus e à fé.





## Sublimação

---

Meu pai correrá para a rua dizendo que eu delirava e era preciso encontrar o doutor, apesar de ser madrugada, enquanto Illia e Yakov, torcendo meus braços para trás, mantinham-me segura pelas mãos, forçando-me a uma imobilidade dolorosa.

Mas, na tarde seguinte, burlei a vigilância que me impunham e consegui sair.

Levei a enxada, a picareta e a pá, eu mesma atrelei o trenó ao cavalo branco, que é mais manso do que o cavalo baio, e guiei-o facilmente, coisas que nunca fizera antes.

Ao chegar ao cemitério, fui correndo à cova ainda fresca de Theodor Theodorovitch, cansada do trajeto e tremendo de aflição. Lá estava ele, saindo a meio corpo da sua cova, sem se poder erguer e livrar-se do montão de terra e pedras que o oprimia. Seus olhos estavam desvairados, abatidos, sua boca aberta como esforçando-se por aspirar o ar, sem consegui-lo, suas mãos crispavam-se, agarrando-se aos rebordos da cova, e as faces eram tão brancas e esqueléticas que antes pareciam as faces de um fantasma.

— Socorre-me, Katienka, salva-me! Sufoco, abafado debaixo desta terra! Estou vivo, minha querida, e sou teu, não me reconheces mais? Eles me supuseram morto e me enterraram vivo!...

Não trepidei. Era preciso mostrar-lhe que o reconhecia e continuava amando-o. Comecei a cavar a fim de libertá-lo, louca de alegria por encontrá-lo vivo, e, para acalmá-lo e infundir-lhe ânimo, enquanto retirava a terra, punha-me a falar-lhe, naquele momento decisivo para nossas vidas, com o nosso fraseado habitual:

— Estou aqui, Theodor Theodorovitch, meu noivo que Deus me deu, meu santo esposo querido, e já te libertarei depressa, esteja descansado... Mais um momentinho só, doçura da minha vida, meu paizinho, enquanto retiro esta terra com a enxada e a pá que eu trouxe... e voltarás





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói e Charles

comigo para casa, a tratarmos das nossas bodas, pois a primavera vem chegando e estava combinado que nos casaríamos justamente agora... Coragem, coragem, meu Theodor Theodorovitch...

Mas não consegui desenterrá-lo porque chegaram meus algozes, ou seja, a *mamienka*, o *batiuchka*, Illia, Yakov, os vizinhos e até o nosso *pope*, que é muito prestimoso para o bem do próximo, mas que, dessa vez, me prejudicou.

Eles agarraram-me, amarraram-me com umas cordas e me levaram para casa numa horrível carroça, ao passo que eu gritava desesperadamente, pedindo que me deixassem salvar Theodor Theodorovitch, que sufocava debaixo da terra.

Mas não me atenderam. Eu tampouco desanimei, Aglaida Petrovna, minha amiga, porque o meu amor é forte como o vento das tempestades, invencível como o oceano, e não poderei deixar de atender aos brados do meu Theodor, que continua vivo e está sofrendo.

Há dias (não sei quantos dias, às vezes sinto-me um tanto esquecida das coisas, devido à angústia e à aflição que me torturam), mas, há dias, como vês, cessou a neve e eu percebi que ela cessara. A primavera chegou finalmente. A voz do meu amado continuava chamando-me, aflita, desesperada. Havia muitas noites que eu não dormia e me sentia consumida. Mas, mesmo assim, sem dormir, parecia que eu sonhava... e então ia à beira da sepultura de Theodor, visitá-lo, via-o desesperado e ouvia que dizia, desfeito em pranto:

— Vê, Katienka, minha mãezinha, sucedeu-me uma desgraça! Estou vivo e estou morto, ao mesmo tempo! Soçobrei num pesadelo que me agarra como os tentáculos de um polvo a um ser humano, impedindo-me de raciocinar. Vejo-me dividido em dois: um sob a terra; o outro, tanto sob a terra como acima da terra... Um está vivo e o outro está morto... Não compreendo nada... Algum inimigo





---

Sublimação

---

desalmado andou praticando bruxarias contra mim... Quem sabe foi o Nikolai Prokofitch, que gostava de ti? Ou quem sabe foi o Yvan Semione, que andou cobiçando o meu cavalo de corrida? Sim, enlouqueci de desespero, sem nada entender do que me aconteceu. Estou absorvido por uma demência que nem no inferno existe. Socorre-me, Katia Andreevna, se é verdade que me amas... Chama os meus irmãos, os meus amigos de cavalaria, os vizinhos, a polícia... Liberta-me deste pesadelo inexplicável...

Sonhava. E tanto sonhava assim que há dias saí, resolvida a tudo.

Fazia sol e percebi que o céu estava azul e diáfano, que as árvores engalanavam-se de folhagens novas; a neve, desfazendo-se, gotejava das cornijas das casas e dos galhos dos pinheiros, formando ribeirinhos lucilantes pelo chão, à luz fluida do sol, enquanto os passarinhos, inquietos, saudavam a nova estação do ano desferindo seus alegres gorjeios.

Era a primavera voltando... E meu casamento com Theodor Theodorovitch deveria realizar-se agora, nessa primeira semana festiva.

Quando cheguei ao cemitério, as andorinhas saudaram-me com seus tumultuosos alaridos, escondidas entre os braços dos ciprestes, e eu compreendi que elas, solidárias comigo, cantavam para me alegrar, dizendo assim:

Lá vem Katienka,

Noiva feliz,

Buscar o marido

Que Deus lhe vai dar,

Para com ele casar...





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói e Charles

É Theodor Theodorovitch,

Altivo e garboso

Capitão de cossacos,

Destro e valente,

Louro e bonito,

Corado e risonho,

O melhor cavaleiro

Do Don, de Tula e do Volga...

Katia e Theodor

Vão se casar

No tempo das flores,

Do riso e das festas...

Sejam felizes,

Katia e Theodor,

Mulher e marido,

Marido e mulher

Que Deus abençoa.



## Sublimação

---

Sejam ditosos...

Que o Céu abençoe

Sua vida e seu lar...

Meu santo esposo, que Deus me ia dar, chorava inconsolável, coitado, sentado sobre o montão de terra e pedras da própria cova, com as mãos tapando o rosto, como um pobrezinho sem pão nem família, já sem forças para gritar e falar, queixando-se de sono e fadiga.

Chamei-o:

— Theodor Theodorovitch, meu santo amor, vamo-nos, vim buscar-te, é tempo das nossas bodas, prometeste casar comigo, agora, na primavera... Não ouves a saudação das andorinhas?...

Mas, inexplicavelmente, meu santo amor que Deus me deu replicou:

— Não, Katia Andreevna, mãezinha adorada, não posso ir contigo, não vês também? Não me posso desgarrar daqui... Estou atado ao 'outro', ao 'outro eu mesmo' que aqui está, sufocado e miserável, e não me despego dele... Que fazer, Katia Andreevna, minha querida, que fazer? Não posso me ir casar contigo...

Pus-me, então, a cavar como da outra vez, a cavar, a cavar, a cavar para também ver o que se passava debaixo da terra, e que eu não compreendia o que poderia ser, e assim libertar Theodor. Mas, de súbito, veio correndo o coveiro do cemitério, com uns modos brutos e assustados, para me atrapalhar:

— Que fazes aí, Katia Andreevna? Estás louca, menina inconformada com a sorte?! Não podes fazer isso! Dá-me essa enxada! Onde a encontraste?





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi e Charles

— Esta enxada é minha e eu não quero dar-ta! Preciso socorrer o santo esposo que Deus me quer dar... Ele está vivo...

Discutimos. Pedi-lhe que me ajudasse, em vez de me insultar com aquele palavreado, pois eu precisava libertar Theodor Theodorovitch, que estava ali, chorando, mas que também estava atado, lá embaixo, no 'outro ele mesmo', conforme me explicava...

Riu-se de mim, o desalmado coveiro, e respondeu que Theodor Theodorovitch estava era morto e bem morto, e agora só precisava era de rezas e missas para se salvar do inferno, e não de enxadas e picaretas, porque nem enxadas nem picaretas seriam capazes de fazê-lo tornar à vida ou libertá-lo das garras dos próprios pecados...

Revoltei-me contra o insulto:

— Vai-te daqui, sataná, sai de perto de mim! Vai-te para o inferno, onde é o teu lugar, e deixa-me em paz para cumprir o meu dever de esposa! — respondi eu. E chamei-o assassino e infame, caluniador e pérfido, e atirei-lhe pedras para que se afastasse. Respondeu que chamaria a polícia, se eu continuasse com aquela brincadeira de desenterrar meu noivo, pois eu estava era demente, endemoninhada, era uma herética, que profanava sepulturas.

Então, Aglaida Petrovna, minha amiga, uma nuvem rubra de sangue perpassou pelos meus sentidos, ofuscando-me a razão. Odiei aquele guarda com todas as fúrias do meu coração exasperado. Avancei para ele repentinamente e bati-lhe na cabeça com a enxada, várias vezes. Ele caiu e o sangue jorrou da sua fronte ferida, o sangue mau dos insultos que me atirou. Pus-me a gritar desesperada, estarecida diante do que fizera, sem saber ao certo por que o fizera, e saí correndo. Mas já entravam muitas pessoas no cemitério, atraídas pelos meus gritos. Chegavam a *mamienka*, o *batiuchka*, Illia, Yakov, os vizinhos, e outra vez o *pope* e mais dois





## Sublimação

*mujiks*,<sup>10</sup> que eu não conhecia, nem sequer sabia os seus nomes. Quiseram pegar-me, mas eu corria deles por entre as sepulturas e me livrava. O que todos eles queriam era a desgraça de Theodor Theodorovitch e a minha desgraça. E somente conseguiram apanhar-me porque tropecei num montão de pedras e me despenhei no chão, estatelada. Amarraram-me, então, novamente, com as mesmas cordas, e puseram-me numa caleça fechada. Os *mujiks*, dois homens fortes e fedorentos, iam dentro comigo, vigiando-me não sei por quê, pois eu continuava amarrada com as cordas e nada poderia tentar contra eles ou contra ninguém. Mas o *batiuchka* seguia montado no cavalo baio, acompanhando a caleça. Illia e Yakov iam nas mulas deles e o *pope* na boleia com o cocheiro. É muito humilde e serviçal o nosso *pope*, não tem orgulho nenhum, sujeita-se a tudo para os serviços de Deus, que são os serviços da caridade. De vez em quando o *batiuchka* chegava a cabeça à janelinha da caleça, olhava para dentro e gritava para os dois ‘*mujiks*’, chorando:

— Como está ela agora, sossegou? Não lhe façam mal, paizinhos, pelas sete chagas<sup>11</sup> de Cristo, eu lhes peço!

E eu via que ele chorava muito. Falava chorando.

Viajei durante muitas horas, não sei para onde, pois eu estava deitada no chão da caleça, em cima de uns cobertores velhos. E, finalmente, cheguei aqui, nesta horrível casa. Pelos modos, isto aqui é um hospício, pois pensam todos que estou louca. Mas, Aglaida Petrovna, minha amiga, juro-te pelo amor do meu Theodor Theodorovitch que não estou louca. Tudo quanto aqui relato é a expressão da verdade. O que se passa é que me aflijo com a desgraça que contemplo: Theodor está vivo, chama-me, fala-me, pede-me socorro, eu vejo-o, entendo-o, ele sofre, está alucinado, morto e vivo ao mesmo tempo, sepultado e não sepultado, mas não posso socorrê-lo, não sei mesmo o que fazer, aqui internada, fechada nesta cela, ouvindo ainda e sempre as suas impressionantes súplicas:

<sup>10</sup> N.E.: Camponeses russos.

<sup>11</sup> N.E.: As chagas das mãos, dos pés, dos joelhos e do lado.





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói e Charles

— Salva-me, Katia Andreevna, mãezinha querida! Eles julgaram-me morto, sepultaram-me, mas eu estou vivo e não posso despegar-me do ‘outro eu mesmo’, que está debaixo da terra...

Tu, porém, Aglaida, que és esposa de um sábio, que tanto entendes os loucos e conheces os mistérios da vida e da morte; tu, que és boa e compassiva, e tão bem sabes falar com os verdadeiros loucos (eu não sou louca) e amansá-los, faze algo por mim, que estou sofrendo, e por Theodor Theodorovitch, que sofre ainda mais. Participa às autoridades policiais que me constroem a viver num hospício sem que eu seja louca. Vai ao cemitério, leva a minha enxada e a minha picareta e liberta o esposo que Deus me quer dar da bruxaria que fizeram para ele. Faze-o, Aglaida Petrovna, eu to suplico pelo amor do Filho de Deus, que morreu por nós. E aceita as bênçãos agradecidas do coração da tua amiga.

KATIA ANDREEVNA (KATIENKA).”

\* \* \*

Três semanas depois, Katienka recebia a resposta dessa carta. A mesma serviçal amiga, do hospital, compadecida com a história da pobre jovem, que perdera o noivo num acidente de caçada ao urso, mas supunha-o enterrado vivo, expedira a primeira carta à destinatária e agora prestava-se de intermediária para a resposta. E Katienka, tomando a carta das mãos da serviçal, leu o seguinte:

“Minha querida Katia Andreevna:

A alma humana é imortal, minha amiga, e por isso o teu Theodor Theodorovitch continuará a viver a vida sublime do Espírito, sem jamais se aniquilar na absorção do nada. Seu corpo de argila, cálcio, ferro, hidrogênio etc., esse sim, retornou ao seio da terra, de onde se derivou. O que se passa, Katienka Andreevna, minha amiga, e que tanto te confunde e desorienta, é que nem sempre a alma das criaturas está





## Sublimação

---

preparada para a chocante renovação que a morte do corpo de argila a ela impõe, e por isso se detém na perplexidade em que o santo esposo que Deus te queria dar se deteve. Ele era um homem do mundo, rude capitão de cavalaria cossaca, materialista, esquecido das coisas de Deus, sem aspirações divinas, sem fé nem caridade, e morreu violentamente, fatos que perturbam profundamente uma alma após o seu escapamento do corpo de argila, tornando-a atordoada, sem reconhecer onde e como se encontra. Mas isso é uma crise passageira na história de uma alma que regressa à imortalidade, minha amiga, crise que a sucessão dos dias corrigirá e que a própria realidade do fato explicará ao recém-falecido. Posso, com efeito, aquele 'dom espiritual' de falar com a alma dos que já morreram e me entender amistosamente com elas, dom do qual os *Atos dos apóstolos* dão notícias, e consegui falar mui serenamente com a alma do teu Theodor Theodorovitch.

Ao receber tua carta, visitei o seu próprio túmulo, conforme sugeriste. Mas, em vez de usar uma enxada e uma picareta, a fim de socorrê-lo, libertei-o da incompreensão em que se asfixiava, com orações a Deus em sua intenção, falando-lhe, outrossim, de coração franco e amoroso sobre o que se passava com ele. Disse-lhe que, sim, morreria o seu corpo de barro e limo, mas a alma não morreria porque é imortal, e apenas se sentia mental e sugestivamente preso a esse corpo a que se habituara durante a existência, mantendo-se confuso num período de transição, fato natural no decurso do importante acontecimento. Que, ao contrário do que ele supunha, em vez de jungido ao fétido de uma sepultura, ele poderia, agora, evoluir em aquisições superiores, singrar os Espaços e percorrer o Infinito, porque já liberto das cadeias de um aprisionamento carnal, bastando, para tanto, renovações mentais em si próprio e também reeducação do sentimento, afinando-o antes com o diapasão do respeito a Deus e não continuando submerso na treva de preconceitos prejudiciais. Theodor refletiu sobre minhas exposições, compreendeu os fatos, que antes lhe sabiam a bruxaria, despertou do pesadelo da mente aparvalhada pelo trauma da morte violenta, libertou-se da perplexidade, aceitou o acontecimento da sua morte corporal inesperada, resignando-se ao inevitável, aceitou,





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói e Charles

outrossim, o ingresso no mundo dos Espíritos — nossa verdadeira pátria —, riu-se da própria ignorância e acabou por se confessar encantado com a certeza, que agora tem, de que possui individualidade imortal como o próprio Espírito divino.<sup>12</sup>

Quanto a ti, Katia, minha amiga, será bom que saibas que também possuis o ‘dom espiritual’ de ver os mortos e com eles falar, embora o ignorasses até agora, dom que, não se encontrando ainda devidamente estudado e cultivado na tua personalidade, desvia-se para certas anomalias incomodativas, chocando-te, nas presentes condições, ao explodir das capacidades da tua natureza psíquica, sob o imperativo de uma impressão forte. Mas também essa crise é passageira e depressa te reerguerás da anormalidade que sofres no momento, pois Theodor Theodorovitch, encaminhado para a situação normal da existência espiritual, não mais te perturbará com seus clamores e, futuramente, até poderá auxiliar-te a ser feliz no decurso da vida...

Procura, porém, repousar para te acalmares, sê passiva ao tratamento médico, pois teu sistema de vibrações nervosas foi abalado e necessita desse tratamento. E, acima de tudo, volta-te para Deus por meio da oração humilde e confiante, recomendando-lhe a alma do teu noivo que, como muito bem lembrou o coveiro a quem agrediste, necessita é de votos compassivos e bênçãos de amor para se desvencilhar das lembranças dos maus hábitos adquiridos no estado humano, e poder elevar-se na conquista da vida eterna. Resigna-te ao imperativo da lei da Criação, pois não és a única pessoa neste mundo a ver morrer um ser amado, certa, porém, de que a morte realmente não existe em parte alguma, que tudo se transforma e evolui na ressurreição sempiterna, marchando sempre para a glória dos milênios... e dia virá em que reencontrarás o teu Theodor Theodorovitch e envolver-te-ás no seu amor, se não na presente vida ao menos em outras que o Eterno vos concederá, a ambos, por acréscimo

<sup>12</sup> Nota da médium: Para se doutrinar um Espírito desencarnado certamente não será necessário visitar o seu túmulo. Compreende-se que se trata, aqui, de expressão literária para embelezamento da peça. Não obstante, muitos desencarnados rondam os próprios despojos carnisais por períodos variáveis, quando se poderá falar aos mesmos em quaisquer recintos.





---

Sublimação

de misericórdia, pois o ser humano deve ser digno e heroico diante dos fatos amargos da existência, porquanto a revolta é apanágio dos fracos e desequilibrados de raciocínio e de caráter.

Ao deixares esse hospital — porque hás de deixá-lo —, bendito refúgio onde te refazes dos abalos nervosos derivados das infiltrações nocivas da mente perturbada de Theodor sobre a tua mente passiva, procura amar novamente, a um outro noivo que Deus te há de dar... porque, minha querida Katienka Andreevna, o coração humano, criado para evoluir até integrar-se no coração divino, foi destinado a desdobrar-se infinitamente, nas funções sublimes do amor, e por isso jamais poderá renunciar à glória suprema de amar e ser amado...

Tua do coração

AGLAIDA PETROVNA”





